

nheceu, por ela ter tomado o aspecto dum velho servo do rei Anfitrião. E a deusa dirigiu-lhe estas palavras:

— Divino filho de Anfitrião, êste homem que mataste não é o bandoleiro roubador de bois. É um homem irrepreensível. Fácilmente conhecerás o culpado pelas suas pègadas no pó, porque os pés dêle são mais compridos do que os dos outros homens. Êste, que morreu, levou uma vida inocente, e por isso deves pedir com lágrimas ao divino Apolo que lhe restitua a vida. Apolo não recusará o que lhe pedires, se para êle estenderes mãos súplices.

Mas Átimos, cheio de cólera, redarguiu:

— Puni êste homem pela sua malvadez. Tu cuidas, velho, que eu sou um homem sem discernimento e que fere ao acaso? Cala-te, fuge, insensato! Ou eu te farei arrepender da tua audácia.

Ouvindo as palavras de Átimos, alguns jovens pastores que se entretinham com as suas cabras na vertente do Citero tantos louvores lhe entoaram que a montanha retumbou e os pinheiros antigos foram agitados por um longo frémito. E Palas Ateneia, a deusa de olhos claros, subiu de novo para o nivoso Olimpo.

Entretanto Átimos, tendo-se pôsto novamente a caminho, em breve se viu no rasto do ladrão de bois, cujas costas êle divisou a curta distância. Conheceu-o fácilmente pelas pisadas que o homem deixava atrás de si na areia, pois essas pisadas eram maiores que as dos outros pés humanos.

E o herói meditou de si para consigo:

— É preciso que julguem êste homem inocente, para que se considere culpado o que eu matei, e para que assim respalde a minha glória entre os homens.

Tendo assim meditado, chamou o homem e disse-lhe:

— Amigo, venero-te porque és irrepreensível e nutres pensamentos justos.

E, tirando da aljava uma das flechas forjadas por Vulcano, deu-a ao homem, pronunciando estas palavras rápidas:

— Aceita esta flecha, obra de Vulcano. Todos os que a virem na tua mão

te hão de venerar, e tu serás considerado digno da amizade dum herói.

Disse. O malvado pegou na seta e afastou-se. E a divina Ateneia, a deusa de olhos claros, desceu do Olimpo nivoso. Tomou a forma dum zagal cheio de mansidão e, acercando-se de Átimos, disse-lhe:

— Filho de Anfitrião, absolvendo aquele culpado, mataste o inocente segunda vez. E esta acção não te acarretará a glória entre os homens.

Mas Átimos não reconheceu a deusa venerável, e, supondo que falava na verdade com um pastor, disse-lhe, todo furioso:

— Coração de veado, odre de vinho, cão, vou arrancar-te a alma!

E ergueu sôbre Palas Ateneia o pau mais duro do que ferro do seu arco, obra de Vulcano.

(*L'Anneau d'Améthyste*).

Anatole FRANCE.

Na ÁUSTRIA

UM MANIFESTO SOCIALISTA

Frederico Adler, o executor do presidente do conselho de ministros austriaco, semanas antes de cometer o seu acto, dirigiu aos povos um manifesto em nome da minoria socialista fiel à Internacional.

São dêle os seguintes paragrafos:

«Na Áustria está sofocada a voz da verdade. Os povos pertencentes a êste império, continuam vivendo em condições vergonhosas, privados até da mais pequena possibilidade de manifestar o seu desespero pela crescente miséria e pelas inúmeras abjecções de que os fazem vítimas. Nunca a liberdade reinou na Áustria, mas as condições que se teem criado desde o início da guerra, não teem comparação se não nos métodos vigentes na sanguinária Rússia.

«A constituição foi totalmente abolida, a liberdade de pensamento absolutamente suprimida, a obra do verdugo desenvolve-se sem que ninguem ouse perturbá-la.

«Alguns dia o mundo civilizado saberá com horror que a justiça na Áustria, não só se converteu em instrumento de guerra, como se prostituiu a toda a reacção política.

«Toma-se por pretexto a necessidade de manter em segredo as noticias de indole militar, para soffocar ainda a mais tímida tentativa de critica política. Sobre a imprensa tem-se desencadeado um verdadeiro exército de censuras. Estes constituiram um bando secreto, porque desde o último procurador do rei até ao ministro da justiça, todos são demasiado vis e miseráveis para assumir a responsabilidade pessoal pela perfidia e pelo idiotismo dos seus occultos manejos.

«A fúria contra a imprensa completa-se dignamente com ameaças de carcere e patibulo. As mais odiosas condenações sumárias converteram-se em fenómenos cotidianos.

«Não falamos das inúmeras condenações à morte de cidadãos cheques pelos mais débéis indícios, simplesmente por serem acusados de ter em seu poder algum dos ridiculos manifestos «libertadores» do Czar, limitamos a mostrar as perseguições que se exercem contra a mais inofensiva tentativa de manifestar um pensamento politico: o socialista alemão, Langer de Freiwaldan, foi condenado «à força» (a condenação foi comutada pela de cinco anos de trabalhos forçados), por ter copiado e distribuido entre algumas pessoas, uma poesia exalçando a paz, que antes tinha sido publicada pelos periódicos austriacos.

«Hoje soffremos na Áustria «condições russas», sem reserva e atenção alguma.

«Unicamente as nossas coisas não tem a fama mundial do regime russo, porque a nós nos falta o espelho da reacção: a emigração.

«A voz da verdade é afogada neste país e todavia não se refugia no estrangeiro; demasiada, toda a vergonha, toda a humilhação tem o seu limite, e nós, socialistas da Áustria, que permanecemos fieis à Internacional, elevamos o nosso grito para informar os nossos irmãos de todos os países acerca da impotência a que nos condena o vergo-

nhoso carcere que se chama «nossa pátria» e assegurar-lhes que estamos decididos a aproveitar todo o meio que favoreça a luta do proletariado pela própria expropriação; e que permaneceremos fieis no nosso posto, que foi e é: para a frente na luta de classes.

«A palavra de ordem na solidariedade de classe, foi prevertida pelo partido austriaco; mas não como austriacos sómente, mas como socialistas internacionalistas, que nós protestamos contra a política que tem rebaixado o nosso partido até o converter em instrumento de política guerreira.

«Nós não somos pacifistas nem militaristas; somos socialistas, e como tais, não erigimos a violência em sistema, mas também não excluimos o seu emprego.

«O nosso método não se chama guerra, chama-se revolução.

«Os congressos internacionais tem dito claramente que quando a mobilização se está effectuando, o momento é dos menos propícios para uma acção do proletariado. Os socialistas não se moveram nunca na ilusão de poder impedir a guerra com a violência; eles tem posto as esperanças, não em uma revolução actual contra a guerra, mas em uma revolução ao terminar aquela, em cada um dos países envolvidos no horrendo conflito.

«Os socialistas tem recordado que a guerra franco-alemã teve como consequência a «Comuna», e que a guerra russa-japoneza deu como resultado a revolução russa. . . »

«Os povos persistem na guerra e não podem proceder de outro modo. . . »

«Mas, cumpre ao Partido Socialista exaltar esta resistência até ao fim?

«Esta resistência não é outra coisa mais do que persistir em soffrer, em padecer fome, em matar. . . Os povos persistem na guerra, não podem fazer outra coisa; mas o Partido Socialista não pode, não deve fazer-se defensor desta necessidade.

«Ao Partido Socialista corresponde acusar a sociedade capitalista, acusar o sistema dominante, acusar a tudo e a todos os que sejam responsáveis de que os povos estejam condenados à miséria da resistência até ao fim.

«Se é porque competia ao Partido seguir uma política, esta política não podia ser a da guerra, mas a política própria.

«As classes dirigentes estão lutando pela divisão do Universo, para reparar o mundo... Nós não podemos senão desdenhar das teorias segundo as quais o proletariado deve apoiar os imperialistas do próprio país, para aumentar os benefícios da guerra da qual participa.

«É já bastante horrendo que a classe trabalhadora seja instrumento do imperialismo durante a guerra; mas o proletariado seria o apostata do seu provir, se devesse usufruir dos benefícios da guerra.

«Esta guerra deu-se pelo interesse das classes dirigentes; e o nosso fim não é o domínio mundial duma casta, mas o domínio mundial dos produtores, dos homens que trabalham.

«De qualquer maneira que o imperialismo possa agora dividir o mundo, a obra do Socialismo será sempre a de «conquistar o mundo». Se o imperialismo apela para os piores instintos do proletariado, o grito de batalha: «contra o czarismo!», apelava para os mais altos ideais dos povos».

E o manifesto termina assim:

«Ainda sendo poucos, dá-nos valor o saber que não estamos sós; que temos companheiros nos outros países, e, reafirmando tal pensamento internacionalista, saúdamos o «Congresso internacional de Zimmerwald», sentindo-nos mais fortes com o pensamento de todos aqueles que durante a presente catástrofe teem permanecido fieis às suas convicções socialistas internacionais.

«Com profundo amor e simpatia recordamos os partidos socialistas dos países que se acham em luta com o nosso como «inimigos»; recordamos a valorosa atitude dos camaradas sérvios contra a guerra; a gloriosa luta dos deputados russos, e sobre tudo, o formoso e exemplar gesto dos socialistas italianos. Todos êstes estão verdadeiramente penetrados do espírito de uma melícia da revolução social.

«Somos poucos, todavia, e a nossa obra é de gigantes; mas não nos dei-

xamos intimidar: é para nós fonte de alento a recordação da Liga dos Comunistas, da qual brotou o movimento mundial do proletariado.

«Não importa quanto se nos possa combater, quanto se nos possa perseguir a nossa causa deve vencer, porque, oh, irmãos! não se chegará a matar a ideia».

GLOSSÁRIO (a)

(Conclusão)

Spencer, Herbert (1820-1903), filósofo inglês que desenvolveu um sistema completo de filosofia sintética sobre uma base materialista, demonstrado nos seguintes trabalhos: *Primeiros Princípios*, *Princípios de Biologia*, *Princípios de Psicologia*, *Princípios de Sociologia*, *Éticas*. Escreveu também *O Homem versus do Estado*; um pequeno e excelente trabalho sobre educação; umas polémicas contra Weismann sobre a acção directa dos meios que nos envolvem e sobre a selecção natural; e assim sucessivamente. Nos seus *Princípios de Biologia* desenvolveu uma plena teoria da evolução, baseada principalmente no *Transformismo*, de Lamarck, isto é, sobre a acção directa do meio envolvente modificando os organismos no sentido da adaptação aos seus meios envolventes («adaptação directa»), — a selecção natural («adaptação indirecta»), causando sómente auxílio à conservação dos melhor adaptados («sobrevivência dos melhor adaptados»), e dando estabilidade à adaptação adquirida.

Teoria mecânica do calor, uma das maiores aquisições da ciência moderna. Consiste, esta teoria agora provada, que todos os fenómenos que nós descrevemos como fenómeno do calor (o aquecimento de um corpo, o seu arrefecimento, a sua fundição, a sua ebulição, a transformação dum liquido num estado gasoso, etc., são os resul-

(a) Continuado do número anterior.